as marcas do amor no final da análise

Florencia Farías

Como se fuera posible renunciar al
amor como sino fuera un rayo que te
atraviesa y te deja etaqueado a mitad
del camino.

Julio Cortázar

Vou lhes falar do amor. Por que escolher o amor nos dias atuais? Entretanto, a passagem dos séculos parecem não esgotá-lo. Tema sobre o qual, analistas, somos sempre consultados, o amor é uma temática central, intrínseco à clínica. "Não fazemos outra coisa que falar de amor".

O sujeito humano nasce atravessado pelo lugar que o Outro lhe outorga e a cura analítica está atravessada pelas vicissitudes do amor de transferência.

Interrogarei-me qual é o destino deste amor de transferência na cura e que modificação sofre o sujeito no nível do amor, ao finalizar sua análise. Pode-se pensar que tal sujeito está curado do amor?

Lacan localizou o amor como uma das paixões do ser, junto ao ódio e à ignorância.

Demanda incondicional de presença e ausência. A demanda do Outro não é que tenha somente um lugar, mas também que o Outro de signos de amor aliviem "a insustentável leveza do ser". No amor, se dá o que não se tem a quem não é, isto é, o sujeito se doa completamente como ser fálico a outro que é completável, revelando as marcas da sua própria incompletude. Trata-se, porém, da eficaz circulação de um objeto inexistente, pelo qual paradoxalmente os sujeitos se perdem.

O amor funciona como tampão universal. O amor supre a relação sexual que não existe. Supre então o impossível acoplamento sem fisuras entre sujeitos, ocorrendo como conseqüência da fantasia que a função narcísica permite, aquela de que existe a adequação e a harmonia sexuais.

Não há nada como o amor para dissimular tão bem essa fórmula inexistente. O amor se estabelece exatamente como o lugar onde é possível supor no Outro um saber de como fazer com o outro sexo. Isso faz com que o amor tenha um efeito

enganador, porque se assenta na suposição de que existe este saber, na ilusão de que é possível encontrar o que nos faltava, a idéia da "meia laranja", cada qual supõe que sua metade perdida é recuperável, feitiço fascinante do completo.

O sintoma na análise nos conduz ao casal sexual. O casal é um processo complexo, aberto a múltiplos fracassos e extravios, configura um espaço de intercruzamento idealizante pelo Outro.

Freud nos mostra a clivagem estrutural entre a corrente terna e a sensual. As tendências inconscientes sempre lutam por sustentar o desejo sem amor ou o amor sem desejo.

Um casal é resultante do cruzamento de níveis narcísicos com níveis edípicos; objeto privilegiado para a projeção de múltiplas figuras significativas. Entende-se que toda eleição erótica está marcada pelo reencontro com aquele que evoque, real ou metaforicamente, os objetos que despertaram o desejo nos tempos primitivos edípicos.

Este acúmulo de projeção confere uma vulnerabilidade ao casal quando o amor, ao invés de expandir-se, afunda-se em pântanos neuróticos. Um exige do outro de forma desmedida, constrói monstros imaginários e cresce a lista de críticas e reprovações. Nestes casos, a neurose leva o melhor da vida.

Collete Soler nos aponta, em *A maldição sobre o sexo*, que o inconsciente condena a sexualidade a ser sintomática. Diz: "O inconsciente conhece somente um sexo, o um fálico. Enquanto o amor aspira à fusão, o gozo não se comparte, um sujeito sempre goza sozinho". A relação se dá entre dois sujeitos falantes, entre dois inconscientes. Por um lado, somos sujeitos quando somos amados, mas, à medida que há gozo na relação sexual, somos objeto *a*.

O único par real é o gozo e não o semelhante sexual. Existe um modo de gozar do inconsciente, do saber inconsciente, mas o corpo do Outro é tanto o próprio corpo, como o corpo de qualquer Outro.

O par, como ser sexual, não faz um casal no nível do gozo. Em seu texto *Televisão*, Lacan nos aponta: "O real mente ao par", já que o objeto real não é o par. Mas, em outro momento de sua obra, Lacan também nos diz que é o amor o que contribui para condescender o gozo ao desejo, ou seja, quando se ama, protege-se de o Outro instrumentá-lo para o exclusivo serviço de puro gozo, que desconhece sempre a discrepância e anula portanto toda diferença.

O homem e a mulher se posicionam de forma distinta nos becos do amor; posição esta que não depende

necessariamente do sexo biológico e sim da localização na lógica atributiva do falo: ser ou ter o falo fundam respectivamente a posição feminina e masculina.

Enquanto para a mulher é essencial ser amada, para o homem o fundamental é confirmar sua potência erétil. O par do homem tem a forma de fetiche, enquanto na mulher esse par tem a forma de erotomania. A demanda de amor feminina comporta um caráter absoluto. Trata-se de uma demanda que incide sobre o ser do casal e deixa nua sua forma erotomaníaca, a de que o Outro a ame. Assim, retorna ao Outro sua demanda de amor infinito sob a forma de estrago.

No início de uma análise, as mulheres se centram em seus dramas amorosos, enquanto os homens nas questões fantasmáticas, na forma do fetiche que suas fantasias impõem ao seu par. O homem concebe a fidelidade como renúncia, apesar do desejo. A mulher se dirá partidária do amor único, da fidelidade, tentativa de negar o desejo puro, o amor deverá servir-lhe de álibi.

Estas diferenças psíquicas são fontes de atrito da vida conjugal. A mulher requer ser amada e atendida de dia para conceder o prazer do leito à noite, situa-se na relação do amor. Já o homem não é tão sensível à vivência do ser amado, no momento de colocar o corpo erógeno em jogo, ele se situa em relação ao gozo.

As mulheres possuem uma especial relação com o nada, a partir dessa falta simbólica que é o falo, cria-se uma máscara que lhe permite ser mulher. Ela torna-se esse falo que causa o desejo do homem e ao mesmo tempo torna-se aquilo que causa seu próprio desejo. Tem-se de distinguir a mulher fálica — que se constitui como a que possui, que lhe agrega artificialmente o que lhe falta — da mulher que constitui seu ser ao lado do falo, que é uma mulher que assume sua falta de não ter.

Assim, a mulher tem, de entrada, uma noção de sua posição de objeto de desejo, como desejo do Outro.

Lacan afirma que existem verdadeiras mulheres. O verdadeiro em uma mulher se mede por sua distância subjetiva da posição da mãe, ou seja, o quanto a mulher consentiu a modalidade própria de sua castração e consegue ultrapassar seus limites.

Na cura analítica, o amor faz sua aparição desde o início. A transferência implica amor e pode ser tanto motor como obstáculo.

No *Seminário XI*, Lacan apresenta a transferência como o fecho do inconsciente. Os fenômenos transferenciais do amor

e do ódio são uma conseqüência do sujeito suposto saber, mas a análise implica um recorrido que requer que esta suposição desapareça. Será no *Seminário XX*, "mais ainda", que Lacan unirá as duas dimensões da transferência: como resistência e como sujeito suposto saber. "Aquele que eu suponho saber, eu amo" — forma de explicar que basta ter uma suposição do saber para que o amor surja automaticamente.

Lacan desloca o eixo e localiza a questão como o que se tem de remover na análise não é o amor, mas sim o próprio sujeito do saber. Podemos dizer que a posição do analista é difícil, pois é paradoxal, afinal ele tem de ir contra aquilo mesmo que o institui em seu lugar.

Como fazer para que, com o mesmo dispositivo que gera amor ao inconsciente, termine-se com ele? Senão, corre-se o risco de fazer da análise um amor infinito.

O uso que o analista faz do amor é diferente do comum, não vai ser um amor como qualquer outro. Ao mesmo tempo que suscita o amor, rejeita-o, mas, em troca, presta-se a produzir saber.

A abstinência analítica gera e mantém a demanda. Este amor não correspondido é o que permite que entrem em cena as neuroses infantis, o reviver com os objetos primitivos e a repetição das eleições objetais. Vão se revelando as identificações. Pelo caminho do amor de transferência, o sujeito vai se aproximando da verdade do amor, da inexistência da relação sexual.

Em seu livro *Las formas lógicas del amor de transferência*, Diana Ravinovich desenvolve as formas que adquire a transferência na análise. No início, o amor de transferência é considerado necessário sob a forma da carta-letra de amor que não cessa de se escrever, tampona a castração a fim de se encaminhar, no final de análise, para o surgimento do contingente, sob a forma da carta de a-muro, em que a castração está involucrada, dando conta da impossibilidade do gozo. A carta de a-muro não faz desaparecer o muro da castração, pelo contrário, revela o sem sentido e a contingência corporal que a supre. Contingência pela qual amamos alguns sujeitos e não outros. Contingência do encontro, do não-todo.

Liquidar a transferência não é liquidar o amor ou o inconsciente. No decorrer da análise, a passagem da carta de amor à carta de a-muro deixa de ser necessária para tornar-se contingente. É correlativo à passagem do objeto "*a*" à causa do desejo, à construção e, logo, à separação dos dois términos do fantasma fundamental.

A análise diz: procuremos, até descobrir que, aí onde deveria haver algo, não tem nada. O dispositivo é a única prática, que graças ao amor, em vez de usá-lo como véu, utiliza-o para ir progressivamente demonstrando o que não é e, ao final, não existe.

O recorrido da análise vai do sujeito suposto saber ao saber sem sujeito. A análise tem de demonstrar que no real existe um saber que falta.

Na análise, produz-se uma destituição do Outro. O neurótico, constantemente, precisa recorrer ao Outro; o faz existir, acredita nele; um Outro que goza e sabe chegar a um Outro que não existe.

Gostaria de deter-me no que significa "O Outro não existe". O fato de que, ao final, deixe-se de dar consistência ao Outro não implica uma ELIMINAÇÃO desse Outro, pois, no meu entender, existe uma tergiversação em sujeitos que — autorizando-se na forma lacaniana que diz: "O única coisa de que se é culpado é de retroceder ante ao próprio desejo" — somente lhes importa sua própria causa, só querem fazer valer seus direitos sem mediar suas conseqüências.

Aqui existe uma posição ética implicada: são sujeitos que ficariam mais do lado da alienação que da separação.

O fato de que o sujeito possa ir dissolvendo a consistência do Outro ainda não diz nada sobre qual será o novo laço com o Outro inconsciente que o sujeito vai sustentar. É algo a se verificar: o que faz o sujeito com suas marcas? A maneira como sustenta seu desejo, podendo uni-lo a seu modo de gozar, diz do seu laço com o Outro: implica dar um novo destino a essas marcas de amor, logo após ficar sabendo que foi um, como objeto de desejo do Outro, marca do gozo fundamental que inscreve a impossibilidade de alcançar o objeto perdido, mas sem permitir alcançar a marca dessa perda. O sujeito já não responsabiliza o Outro como agente da castração e de todas as suas desgraças. No final da análise, o sujeito fica responsável pela sua divisão e pela sua castração. Entretanto, mesmo apaziguando suas queixas, isso não implica nenhum alívio na briga com o Outro, pois não significa que não exista nenhum Outro que o sujeito possa fazê-lo responsável. Ocorre também que, sem o Outro, o sujeito se encontra liberado de justificar sua existência. Trata-se de um "fazer-se" sem o Outro, ou seja, sozinho. O que fica é um "fazer-se a ser", um ser que inclui a castração, que sabe que é incurável e muda sua posição em relação a ela (à castração): no Pase, todos testemunham que a psicanálise lhes curou da falta de ser, mas nem sempre da maneira que desejavam.

Algumas pessoas descrevem o final pela travessia do fantasma. Há um efeito de liberdade, em que é produzida uma flexibilização da condição de amor que domina as eleições do objeto. Permite ao sujeito desvelar a causa de horror ao saber de sua castração. Ocorre um avanço até o real que cobria o fantasma, quer dizer, o gozo pulsional que cai dele. Entretanto, existem diferentes formas de viver a pulsão depois do fim da análise.

Pode-se sair com um resultado cínico, não poder ligar o resto pulsional com a causa do desejo, com o novo laço com o Outro, o Outro que não existe. Porém existe outra saída, a de um gozo que conduz ao sintoma como o mais singular de cada um, o modo de cada um gozar de seu consciente. "Saber fazer com seu sintoma" é a saída por identificação ao sintoma, transformando-se em seu próprio sintoma. Há um consentimento do modo de gozar através do sintoma, é um aceitar-se e, também, pode ser uma aceitação do incurável.

Existe uma nova relação do gozo com o amor, porém concernido pela castração, pelo desejo de saber. É um amor vazio de demanda, que pode aceder à "significação de um amor sem limites", como define Lacan no final do *Seminário XI*. Amor sem limite quer dizer que este amor somente pode viver mais além do pai, mais além da lei, prescindir do pai a condição de servir-se dele. O pai é um modelo do sintoma amor, é aquele que toma uma mulher como a causa de seu desejo, faz lugar ao Outro do sexo e consegue converter a mulher "em um sintoma para o homem".

Para concluir, no final da análise, depois de haver atravessado o horror ao incesto, é possível um amor sem limite. Um amor que consegue conjugar o amor e o desejo, um amor que comporta uma dose de sublimação.

Nos momentos de maior solidão do sujeito humano, exposto ao sofrimento e à morte, o amor aparece como uma alternativa de contar com o Outro (o pequeno Outro, o semelhante).

O que resta no final da análise é que o sujeito possa assumir aquilo que lhe determinará, fazer-se responsável. Poderá aparecer uma margem de liberdade, certa liberação que lhe permitirá, no melhor dos casos, escolher. Escolha que foi excepcionalmente cantada nos versos de um autor anônimo:

> No pude elegir como y donde nacer
> No puedo elegir donde y cómo morir
> Si, puedo elegir cómo y donde vivir.

Não pude escolher como e onde nascer
Não posso escolher onde e como morrer
Sim, posso escolher como e onde viver.



bibliografia consultada

Autores vários. Revista de psicanálise: *Amor e Pasión.*
S. Freud. *Análise terminável e interminável.*
S. Freud. *Sobre uma degradação da vida erótica.*
J. Lacan. *Seminário XI*: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.
J. Lacan. *Seminário XVII*: o avesso da psicanálise.
J. Lacan. *Seminário XX*: mais, ainda.
J. Milmanieri. *Etrañas parejas.*
D. Ravinovich. *El desejo del psicanalista.*
D. Ravinovich. *Las formas lógicas del amor de transferência.*
C. Soler. *Estudos sobre a psicose.*
C. Soler. *Finais de análises.*
C. Soler. *A maldição entre o sexo.*
C. Soler. *O que é psicanálise.*